

PRÊMIOS

Rebollo Gonzalez ganhou o prêmio de viagem à Europa, da secção de pintura, no Terceiro Salão Nacional de Belas Artes, e eu quero lhe mandar daqui o meu velho abraço, e cumprimentar, pelo acerto da escolha, o júri deste ano. Um ano muito peculiar, em que os pintores, revoltados com a incrível esplêndida do governo, que continua a considerar material de pintura artigo de luxo, fizeram o salão em preto e branco. Um salão de luto, onde apenas algum sêbio furtivo do papel e algum cinza mais claro serve para dar a nostalgia das cores deste mundo.

O prêmio de viagem pelo Brasil foi dado, também com muita justiça, a Aldo Bonadei, outro valor da escola paulista. Sansão Castelo Branco ganhou o prêmio de viagem à Europa na secção de Artes Decorativas em que inegavelmente é, há muitos anos, o melhor. Achei também justos os outros prêmios, principalmente o de Anísio Medeiros (desenho, 10 contos); mas quero fazer um comentário especial sobre o prêmio de viagem pelo Brasil da secção de escultura, que coube com toda razão a Pedrosa. Que é que nosso amigo Zé-Pé vai fazer por esse Brasil, tão pobre em escultura? Ele é mineiro e já conhece o Aleijadinho; já viu também a cerâmica dos índios da Amazônia. Seria muito mais razoável que a importância gasta com esse prêmio (são 8 contos mensais durante um ano, total de 96 contos), fôsse empregada numa viagem ao Peru, por exemplo: Cuzco e Lima, com seu fabuloso museu arqueológico. Isso sem falar da Bolívia, da Guatemala, do México, onde as velhas civilizações deixaram obras de arte realmente superior, sem contar as esculturas dos tempos coloniais. Acho que seria bom rever o regulamento desse prêmio ou descobrir um meio legal de driblar seu rigor, para que ele representasse alguma coisa de realmente útil. Confesso que durante minha recente e rapidíssima viagem ao Peru recebi um verdadeiro choque ao ver sua antiga arte indígena, de um nível com frequência muito alto e decidida originalidade. Já vira certamente reproduções em álbuns, mas não fazia uma idéia nem aproximada daquela variedade de beleza plástica.

Aí fica a idéia, e quero acabar esta crônica com uma explicação de autor. Uma leitora me escreve muito zangada dizendo que não pode comprar meu livro "A Borboleta Amarela" porque é moca pobre e o livro só saiu em edição de luxo, a 1 conto o exemplar. Não é a primeira vez que recebo essa queixa, e até já me mandaram um recorte de jornal em que sou chamado de "cronista para milionários" e devidamente xingado.

Devo explicar, em primeiro lugar, que todas as crônicas daquele livro já foram publicadas neste jornal; e depois que a Livraria Editora José Olympio, que patrocinou desinteressadamente a edição de luxo (belo trabalho gráfico dos Blochs) está preparando a edição comum, para a qual o pintor Antônio Bandeira já fez a capa. Capa muito bonita, com uma borboleta violentamente amarela e fundo cinza, etc.